

EDUCANDO MULHERES EM SERGIPE, NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX: POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Professora Assistente do Departamento de Educação da UFS
Doutoranda na Faculdade de Educação da UNICAMP

Apresentação

O presente estudo tem como objetivo levantar e analisar as possibilidades e propostas educação feminina em Sergipe, na passagem do século XIX para o século XX. Como fontes principais foram utilizados os Relatórios de Instrução Pública e as Mensagens de Presidente de Província assim como anúncios e relatos de festas publicados em jornais sergipanos. Através destes documentos foi possível apreender as práticas e os saberes escolares difundidos assim como os discursos e os dispositivos produzidos por homens e mulheres em torno do tema da educação/escolarização feminina em Sergipe.

No processo de instauração da República a escolarização de meninas e jovens é ampliada com o aumento de número de vagas nas escolas públicas e a criação de colégios particulares femininos e mistos, este movimento tem nuances específicas em cada região do país. No Brasil e em Sergipe, os colégios secundários de orientação leiga ou religiosa, fundados e mantidos por particulares, tiveram papel relevante nas últimas décadas do Império. Sem estarem sujeitos, em sua maioria, a qualquer inspeção governamental, esses estabelecimentos, estimulados pela concorrência, formavam a vanguarda do pensamento educacional, pela adoção de modernas técnicas de ensino, pelo impulso dado ao estudo da ciência e pela ênfase emprestada às línguas modernas.

Encaminhadas para os colégios de ensino secundário particulares, como alunas internas ou semi-internas, a fim de ampliarem seus estudos, as jovens recebiam um programa diferenciado, atendendo ao desenvolvimento de habilidades e atitudes femininas, preparando-as para os futuros papéis de esposas dedicadas e mães exemplares.

A existência de um significativo grupo de diretoras de escolas femininas em Sergipe, em um período em que a mulher, submetida ao *patrio poder*, quando solteira, ou ao poder legal do marido como chefe da sociedade conjugal, necessitava de autorização para assinar contratos de trabalho, sendo considerada incapaz no tocante ao exercício dos direitos civis e políticos, merece ser destacada. Uma outra característica marcante era que estas escolas quando não dirigidas e mantidas por organizações religiosas católicas ou protestantes, se configuravam em uma espécie

de empresa familiar, onde outras pessoas da família, mãe, irmãs, tias e até mesmo o pai, assumem funções no estabelecimento de ensino.

No caso das escolas públicas a expansão de vagas é mais lenta, assim como a criação de escolas específicas para meninas. Apesar da co-educação ser condenada, durante toda a Primeira República, por muitos educadores e legisladores, geralmente baseados em argumentos morais, tendo em vista os riscos de aproximação entre os sexos, esta medida acabou sendo adotada muito mais por questões econômicas e em escolas localizadas em municípios distantes da capital e dos centros urbanos mais importantes. No entanto, a medida além de ampliar o acesso das meninas à educação pública, permitiu maior espaço para o exercício do magistério às professoras.

Possibilidades de educação: instituições de ensino para meninas em Sergipe

A partir dos estudos elaborados por historiadores e educadores sergipanos ¹, procuramos levantar e analisar informações privilegiadas sobre a educação/escolarização feminina em Sergipe, em instituições públicas e particulares, tendo em vista o período da passagem do século XIX para o século XX, assim como utilizamos a imprensa sergipana, como fonte, principalmente, os jornais “Gazeta de Sergipe” (1890) e “Correio de Aracaju” (1906-1908).

Não pretendemos aqui um estudo aprofundado de cada uma das instituições, uma vez que muitas delas são particulares e, como aponta Ribeiro (1996, p.10), durante muito tempo, “*as leis protegeram a ausência de documentação pois, os estabelecimentos de ensino, fundados pela iniciativa privada, eram dispensados de enviarem relatórios sobre a situação dos mesmos.*”

As representações sobre a educação e a escolarização feminina veiculadas nos jornais de Aracaju no período estudado são muito significativas, em especial, os anúncios e os registros minuciosos das festas escolares realizadas no final do ano letivo. Estes últimos informam, não apenas a listagem nominal das alunas, como também o resultado do aproveitamento escolar, a composição da banca examinadora e os conteúdos ministrados durante o ano. Como uma “vitrine de talentos”, as jovens executam peças musicais e declamam poesias, além de apresentarem ao público os trabalhos manuais e as pinturas realizadas.

Em Calazans (1949/1951, p. 109-112), temos um registro significativo sobre o ensino primário feminino em Aracaju de 1855 a 1871. Segundo o autor, “*três cadeiras foram criadas e*

¹ Além de dissertações de mestrado defendidas recentemente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe consultadas, como Vilas-Bôas (2000), foram também utilizados os estudos de Nunes (1984) e Calazans (1949/1951)

se mantiveram com real aproveitamento”. A primeira delas iniciou seu funcionamento em 1855, tendo como primeira professora Josefa Maria Trindade (esta cadeira foi visitada pelo Imperador, em 1860). Esta foi a única a receber meninas até 1868, quando foi criada a segunda cadeira provida pela Professora D. Ana Saturnina de Rezende Mundim. A terceira, surgiu em 1870, ocupada pela Professora Francina da Glória Muniz Teles. Segundo Calazans (1949/1951, p. 111), na tentativa de atender à procura pelas jovens.

Apenas sobre a primeira cadeira, encontramos maiores detalhes, como, por exemplo, a evolução do quadro de matrícula: em 1857 – 13 alunas; em 1850 - 31 alunas; em 1860- 62 alunas e em 1863 - 69 alunas ². Salaria também que a professora Josefa Trindade além do conteúdo obrigatório do ensino primário, *“preparava até monitoras para o magistério que saíam habilitadas em leitura, regência gramatical, escrita, doutrina e princípios de aritmética.”* (Calazans, 1949/1951, p.110-111). Ressalta-se, que em 1870, quando se fez a Reforma da Instrução Pública em Sergipe - esta reforma, entre outras modificações, criou o Colégio Atheneu Sergipense e a Escola Normal -, eram estas apenas as três cadeiras citadas de ensino primário público que estavam em funcionamento em Aracaju.

Nunes (1984, p.204) registra algumas informações significativas sobre o Colégio Nossa Senhora Sant’Anna fundado por D. Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança em Laranjeiras. Em 1899, ela passou a direção do Colégio a uma jovem auxiliar, Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro que no início do século XX, o transferiu para Aracaju. O colégio funcionou em Aracaju até dezembro de 1941.

Outro colégio citado por Nunes (1984, p.204) é o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundando em 1903, em Aracaju, pela Irmãs Sacramentinas com sede em Valence (França) que aceitava alunas internas, semi-internas e externas. Em 1923, através de terreno doado pelo Presidente do Estado Dr. Graccho Cardoso, o Colégio passou a possuir prédio próprio e funcionou até 1973, sendo responsável pela educação das jovens da elite de Sergipe.

Os Salesianos que chegaram em Sergipe em 1902 fundaram, em primeiro lugar, a pedido do Presidente do Estado Monsenhor Olímpio Campos, uma Escola Agrícola Salesiana denominada “Tebaida” para “meninos desvalidos”. Em 1908, criaram o “Oratório Festivo Salesiano”, também para “atender meninos que perambulavam pela rua”. Em 1909, foi fundado o Colégio Salesiano, que teve sede própria a partir de 1913 e que, inicialmente só recebia

meninos mas depois passou a aceitar meninas. Dos Colégios citados este é um dos poucos em funcionamento.³

O Colégio Tobias Barreto, fundado em Estância em 1909, pelo Prof. José de Alencar Cardoso, passou a funcionar em Aracaju, a partir de 1913, inicialmente com clientela masculina. Sua característica marcante foi a militarização adotada, expressa nos uniformes dos alunos e na realização de “Tiro de Guerra”. Começou a ser freqüentado por meninas em 1920, funcionando até 1969, quando os seus prédios foram adquiridos pelo Estado. Atualmente, em uma parte das instalações reconstruídas, funciona a Escola Estadual de Ensino Médio Tobias Barreto e, na outra parte a Academia Sergipana de Letras e a Aliança Francesa.⁴

Outras instituições escolares femininas são citadas por Nunes (1984, p.250): Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá (1915), criado pela Congregação das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição; e o Colégio Imaculada Conceição, em Capela sob a responsabilidade da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Ambos eram voltados, inicialmente, para o ensino primário e foram equiparados à Escola Normal, em 1936.

Estudando as “Origens da Educação Protestante em Sergipe”, Vilas-Bôas (2000) registra a existência de escolas protestantes no Estado, no final do século XIX. A primeira instituição educacional protestante foi fundada em Laranjeiras em 1886, denominada Escola Americana. Era dirigida pelo Professor Manuel Nunes Motta, e oferecia curso primário e secundário para ambos os sexos, além de internatos masculino e feminino. As aulas eram ministradas por professoras.⁵

Ao pesquisar a imprensa laranjeirense, Vilas-Bôas (2000) encontrou um silenciamento em torno desta primeira instituição de ensino protestante. A imprensa de Laranjeiras destacava, no entanto, uma outra instituição escolar feminina, salientando, em diversos artigos, a qualificação do seu corpo docente e do ensino ministrado: o Colégio Inglês. Dirigido por Miss Anne Carol e Júlia de Oliveira, oferecia educação secundária ao sexo feminino, recebendo alunas internas e externas.

A partir de 1892, a Escola Americana (Vilas-Bôas, 2000, p.118-133) foi dirigida pelo Reverendo Finley. Em 1899, sob a mesma direção, a escola oferecia, em Aracaju, um externato

² Segundo Calazans (1949/1951, p. 111), estavam matriculados, em 1863, em Aracaju, em escolas públicas e particulares 218 alunos no ensino primário e 14 no secundário (apenas na cadeira de Latim).

³ Maiores informações, conferir Nunes (1984:204)

⁴ Segundo Nunes (1984, p.234), em 1917, o Colégio Tobias Barreto tinha 140 alunos e o Colégio N. S. Sant’Anna 82 alunas.

⁵ Cf. Vilas-Bôas (2000, p.114-115)

para ambos os sexos, e um internato para o sexo feminino, além do curso primário e intermediário. No entanto, em 1904, o reverendo Finley foi transferido para a Bahia, os internatos foram fechados e a escola primária passou a ser dirigida por Anne Belle Mc Pherson. Em 1905, Anne Belle deixou Sergipe e a Escola Americana passou a ser dirigida por Jovina Moreira de Carvalho, normalista formada pela Escola Normal de São Paulo, oferecendo apenas o ensino primário.

Além das aulas públicas masculinas, femininas e mistas, disseminadas em várias localidades do Estado, se fazem presentes nos jornais de Sergipe, a Escola Normal e o Atheneu Sergipense⁶.

No Jornal “Correio de Aracaju”, no período de 1906-1908, no tocante à escolarização feminina, os anúncios das escolas femininas particulares dividem espaço com registros minuciosos das festas realizadas nestes estabelecimentos. Além dos colégios citados, figuram nas páginas do periódico, entre outros estabelecimentos: “Collegio Bôa Esperança” (instituição de ensino feminino, dirigido por Mariana Braga); o “Collegio Santa Cruz – internato e externato” (ensino primário misto, dirigido por Maria Madalena de Santa Cruz e Santos); “Escola Primária de Sergipe” (ensino primário misto – dirigido por Alexandre José Teixeira e sua esposa); “Externato Zizi Góes” (ensino primário e secundário feminino - dirigido por Balthazarina Góes, com o auxílio de seu pai o Prof. Catedrático Balthazar Góes) todos estes localizados em Aracaju; e o “Internato Santa Cecília” (internato feminino, dirigido por Cecília Curvello) em Laranjeiras. No início de setembro de 1906⁷, há uma nota que informa a transferência do Externato Zizi Góes para a cidade de São Cristóvão.

No início do ano civil, principalmente, nos meses de janeiro e fevereiro, estas instituições publicam anúncios sobre o início das aulas, o preço das mensalidades, as disciplinas ministradas, a forma de organização do currículo e características gerais de funcionamento das escolas. No final do ano, encontram-se noticiadas as festas escolares que antecedem as férias, momento de realização dos exames públicos orais e escritos, - sob a coordenação de uma banca examinadora, formada por educadores e intelectuais ilustres da cidade -, e autoridades

⁶ O Atheneu Sergipense não era propriamente um estabelecimento de ensino feminino. No seu ato de criação em 1870 (Regulamento do Presidente da Província de Sergipe de 24 de outubro de 1870), não existia proibição explícita para a frequência feminina. Entretanto, até meados da primeira década da República, ele era apenas frequentado por alunos homens. Segundo Nunes (1984, p.200), a primeira aluna a frequentar o Atheneu e concluir o Bacharelato, após 6 anos de curso, foi Sílvia de Oliveira Ribeiro em 1912.

⁷ Correio de Aracaju, 3 de setembro de 1908, ano III, n.187, p.2. col.5.

governamentais e também momento recreativo e sócio-cultural onde as alunas apresentam peças dramáticas e musicais e recitam poemas e textos literários, além da exposição dos trabalhos manuais com grande variedade de estilos, trabalhos em tricô, crochê, pinturas, flores artificiais, bordados, tapeçaria, rendas, etc. O evento, em geral, durava o dia inteiro e termina tarde da noite, segundo as notas publicadas pela imprensa. O nome completo das alunas, as notas alcançadas em cada um dos exames e as apresentações realizadas por cada uma são registradas nas páginas do “Correio de Aracaju”.

Os autores dos relatos sobre as festas escolares, não aparecem identificados. Seguem, no entanto, a mesma estrutura no registro destes eventos em diferentes instituições, salientando sempre, no final de cada texto, a competência pedagógica e as virtudes das diretoras e do corpo docente. As festas do Colégio Boa Esperança, do Colégio N. Sra. de Lourdes e do Colégio N. Sra. Sant’Anna são as mais destacadas nas páginas do “Correio de Aracaju” no período analisado, assim como os aniversários de suas respectivas diretoras.

Além disso, a relação nominal das alunas permite visualizar as opções de algumas famílias por uma ou por outra instituição. Os sobrenomes das alunas indicam o pertencimento às famílias privilegiadas: algumas eram ligadas a grandes empresas comerciais, outras, possuíam intelectuais renomados, eram filhas de pais que ocupavam cargos significativos na administração pública, como a filha do Diretor do Atheneu Sergipense.

Os conteúdos curriculares trabalhados e avaliados eram: Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil e Francês. Estes também estavam presentes nas outras escolas. A forma de avaliação, aparece dividida em três graus: distinção e louvor, distinção e plenamente. Existe uma aproximação maior entre a organização curricular do Colégio Boa Esperança e do Colégio N. S. Sant’Anna. No Colégio Boa Esperança, estão presentes as jovens oriundas de famílias ligadas a pequenas empresas de comércio, funcionários públicos e intelectuais que também se fazem presentes em menor número na instituição dirigida por Quintina Diniz.

Nas apresentações musicais, percebe-se que o piano, o violino e o bandolim se destacavam nos estabelecimentos de ensino, e acompanharam poesias e textos literários. Na seleção das peças musicais e dramáticas e dos poemas recitados, existia uma preocupação na inclusão de autores e compositores franceses.

Um outro aspecto merece ser ressaltado é a exposição das alunas na imprensa local, num período em que era pouco comum que as mulheres sergipanas pudessem ser visibilizadas nas

páginas dos jornais, como será visto a seguir. Seus nomes e distintos sobrenomes, os resultados dos exames, além dos talentos artísticos, teatrais, musicais e manuais são focados pelo registro do jornalista, como se elas fossem “artigos de vitrine” a serem apreciados pela sociedade sergipana. Muitas alunas, depois que se formavam, atuavam como professoras nos mesmos estabelecimentos de ensino, e grande parte das professoras que ensinavam no Colégio Sant’Anna e Boa Esperança trabalhavam também em escolas públicas, principalmente no Grupo Escolar Modelo e na Escola Normal.

Mensagens e Relatórios oficiais: dados estatísticos da escolarização feminina

As Mensagens Presidenciais do início do século XX se detêm, em sua maioria, a relatar aspectos relacionados aos estabelecimentos públicos de ensino, como reformas na estrutura física, compra de equipamentos e material didático, contratação e nomeação de docentes, alterações na estrutura curricular ou mesmo na duração dos cursos, entre outros. Na maioria das vezes, iniciam se ressaltando as mazelas do ensino local e reclamando da falta de recursos, e terminam mostrando que, apesar de todas as dificuldades ainda foi possível grandes realizações.

São recorrentes, nesses textos, as críticas à política de apadrinhamento dos professores, que são nomeados por indicação, sem muitas vezes possuírem as qualificações necessárias, e além disso da falta de compromisso dos professores com “*o nobre sacerdócio do magistério*”.

As estatísticas apresentadas sobre o número de escolas e alunos matriculados, mesmo sob suspeitas, tendo em vista os instrumentos utilizados na época e a forma de produção e organização dos dados, servem de parâmetro para visualizar a participação das escolas públicas e particulares na escolarização feminina no período.

Na Mensagem do Presidente Monsenhor Olímpio Campos de 1900 (1900, p.9-10), ele indica que, em 1899, havia 325 escolas, sendo 59 para o sexo masculino, 61 para o sexo feminino e 105 para o ensino misto. Das escolas do ensino misto, somente 27 eram regidas por professores; as demais eram por professoras. A matrícula nas aulas públicas neste mesmo ano totalizavam 7023 alunos, sendo a frequência média 4682 alunos. Em relação à divisão por sexo, a matrícula do sexo masculino era 3357 e do sexo feminino era 3666. Sobre a frequência os dados são os seguintes: 1767 alunos e 2915 alunas. A matrícula nas aulas particulares, neste mesmo ano, foram 290 alunos, dos quais 208 do sexo masculino e 82 do sexo feminino.

Alguns indicativos desta Mensagem merecem ser destacados: o número elevado de escolas mistas regidas por professoras, maior matrícula e maior frequência proporcional das alunas em relação aos alunos e a presença ainda pouco expressiva das aulas particulares no tocante à educação feminina⁸.

Em 1903, o Presidente do Estado Josino de Menezes (1903:15), apresenta alguns argumentos oficiais em relação à existência das cadeiras mistas:

“É muito mais razoável que uma professora ensine meninos até a idade de oito annos, do que um professor meninas de qualquer idade. (...) A população escolar feminina superabunda e prepondera: d’ahi a razão das escolas mixtas, que não obstante, se há entendido por escholas simultaneas ou promiscuas, onde o ensino não é alternado em duas sessões diarias – uma para meninas e outra para meninos. Não devendo ficar as escuras povoados de crescida população escholar, o Governo mantéem taes escholas.”

Em termos de evolução do ensino público primário, o Presidente Josino Menezes (1903, p.20) indica os seguintes dados: 197 cadeiras - 86 do ensino misto, 56 do sexo feminino e 55 do sexo masculino -, distribuídas pelo Estado da seguinte forma: 22 nas cidades; 54 nas vilas e 77 em povoados. A matrícula total nestas escolas é de 6747 alunos, sendo 3247 do sexo masculino e 3500 do sexo feminino. A frequência não é apresentada dividida por sexo, mas apenas o total de 4498 alunos. A matrícula na Escola Normal é de 15 alunas no primeiro ano, 18 alunas no segundo ano e 35, no terceiro ano. No Atheneu estavam matriculados 106 estudantes

A tendência observada anteriormente se mantém, apesar da diminuição do número de cadeiras públicas e da diminuição da diferença entre a matrícula dos alunos e das alunas. Não são apresentados dados acerca da situação nos estabelecimentos particulares. A diferença entre o número de matriculados e de alunos que frequentam ainda é expressiva.

Na Mensagem do Presidente José Rodrigues da Costa Dória (1910, p.7-8), não foi encontrada uma estatística detalhada como nas outras Mensagens citadas, mas há muitas referências à falta de recursos para melhorar o ensino no Estado. Duas das necessidades prementes apontada por ele seriam: a contratação “*fora do Estado de pessoa competente que viesse remodelar o nosso ensino, atrasado em methods, o que inutilisa em grande parte os esforços dos dedicados*”; e a construção de grupos escolares ao menos na Capital. No ano

⁸ Em relação aos dados dos estabelecimentos de ensino particular é bem provável que nem todos os estabelecimentos tenham apresentado relatórios de matrícula.

seguinte, registra em sua Mensagem (1911, p. 50-51) seus “grandes feitos”⁹, entre eles a criação de grupos escolares na capital em outras cidades, e a contratação do Dr. Carlos da Silveira, professor paulista, para dirigir a Escola Normal e o Grupo Escolar Modelo anexo a mesma.

O ensino primário passa a ser organizado por Grupos Escolares e Escolas Singulares, em 1913. Na capital, encontra-se, em funcionamento um Grupo Escolar Modelo¹⁰, anexo à Escola Normal, um Grupo Escolar Central¹¹ e uma escola singular modelo, além de 11 escolas singulares. Nas outras cidades do Estado, são 62 escolas singulares e nas vilas 43, nos povoados somam 98. Na Escola Normal, 116 alunas matriculadas, 71 no primeiro ano, 20 no segundo e 25 no terceiro. No Atheneu, 47 alunos estavam matriculados no curso integral, tendo uma média de 11 alunos em cada turma com exceção do 5º ano (último) que havia apenas 2 matriculados.

Considerações Finais

Podemos perceber como o significado e o papel da educação feminina se alterou ao longo do século XIX no Brasil. No processo de instauração da República, a escolarização de meninas e jovens é ampliada com o aumento de número de vagas nas escolas públicas e a criação de colégios particulares femininos e mistos. Este processo acontece também em Sergipe, como tentamos apontar a partir dos indícios localizados. Na ausência de outras fontes disponíveis para o estudo da educação feminina em Sergipe, recorreremos à bibliografia produzida sobre a história da educação, aos jornais sergipanos e também às Mensagens Presidenciais do início do século XX, na tentativa de apresentar a configuração da escolarização de meninas e jovens neste período.

Durante as décadas de 10 e 20, assistiu-se a um aumento da matrícula nas instituições do ensino primário e normal, públicas e particulares. O ensino secundário público acabou sendo centralizado na capital, em Aracaju, tendo como instituição-modelo o Atheneu Sergipense –

⁹ Entre os “grandes feitos”, além dos citados, a Mensagem aborda a importação dos Estados Unidos de 500 cadeiras automáticas da American Seating Company e a limitação para contratação de professores para as cadeiras do ensino primário de normalistas formados na Escola Normal. Também estabeleceu o ensino primário obrigatório, transferiu professores, suprimiu disciplinas do Atheneu e da Escola Normal. Cf. Mensagem Presidencial de José Rodrigues da Costa Dória (1911, p.50-51)

¹⁰ O Grupo Escolar Modelo anexo à Escola Normal é destinado ao sexo feminino e consta de 4 cadeiras relativas aos 4 anos. Mensagem Presidencial do General José Siqueira Menezes (1913, p.15-17).

equiparado ao Ginásio Nacional em 1908 - no entanto, os índices ainda apresentavam a seletividade do sistema de ensino e a restrita parcela da população que tinha acesso ao processo de escolarização oficial.

Este período também é marcado pela intensa criação de escolas particulares, na capital do Estado. Muitas destas instituições foram transferidas do interior e mantiveram a direção e a proposta curricular inalteradas. A proposta de formação oferecida referendava os papéis tradicionais a serem preenchidos futuramente pelas jovens sergipanas no interior do lar, como boas esposas e mães exemplares. O conhecimento de línguas estrangeiras e o desenvolvimento de habilidades musicais e manuais poderiam lhes permitir em algumas circunstâncias econômicas adversas, ministrar aulas particulares ou mesmo produzir artigos refinados para a venda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALAZANS, José. O ensino público em Aracaju 1830-1871. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N.20. V. XV. Aracaju; Livraria Regina, 1949/1951. pp.96-120.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence em Campinas, 1863-1889**. Campinas: Área de Publicações Centro de Memória/UNICAMP, 1996.

SERGIPE, Mensagem do Presidente Monsenhor Olímpio Campos, 1900.

SERGIPE, Mensagem do Presidente Josino de Menezes, 1903.

SERGIPE, Mensagem do Presidente Josino de Menezes, 1904.

SERGIPE, Mensagem do Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1910

SERGIPE, Mensagem do Presidente Dr. José Rodrigues da Costa Dória, 1911.

SERGIPE, Mensagem do Presidente Dr. José Siqueira de Menezes, 1913

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. **Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913)**. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe. (Dissertação de Mestrado), 2000.

¹¹ O Grupo Escolar Central era composto de 8 cadeiras, quatro para cada sexo e funcionava em dois turnos, manhã e tarde. Mensagem Presidencial do Dr. José Siqueira Menezes (1913, p. 15-17).